

O MORRER E A MORTE DE IDOSOS HOSPITALIZADOS NA ÓTICA DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM¹

Juliane Elis Both*
 Marinês Tambara Leite**
 Leila Mariza Hildebrandt***
 Jacinta Spies****
 Luiz Anildo Anacleto da Silva*****
 Margrid Beuter*****

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a percepção de profissionais de enfermagem acerca da morte de idosos hospitalizados. Caracteriza-se como um estudo qualitativo, descritivo, que utiliza o referencial teórico da pesquisa convergente assistencial, realizado em uma unidade de clínica médica. Para a obtenção dos dados, utilizou-se entrevista e oficinas temáticas. Os sujeitos constituem-se de 20 profissionais da equipe de enfermagem. Os preceitos éticos foram respeitados e as informações analisadas à luz da análise temática de conteúdo. Como resultado, houve a construção de um tema abordando a morte de idosos hospitalizados na ótica da equipe de enfermagem. Os dados apontam que a morte em idosos gera sofrimento, para sua família e equipe de enfermagem, provoca sentimento de frustração, culpa, tristeza e perda. Ainda, a morte pode se constituir em alívio quando não há mais recursos terapêuticos a serem implementados, além de conforto e apoio. Desse modo, destaca-se a importância da equipe de enfermagem possuir conhecimentos e habilidades específicas para lidar com essa população e seus familiares, em especial, diante da finitude da vida.

Palavra-chaves: Equipe de enfermagem; Idoso; Hospitais; Cuidados paliativos na terminalidade da vida.

INTRODUÇÃO

O processo de morrer se constitui em uma etapa da vida que, comumente, é entendida como algo negativo, triste e enfrentado com pesar e luto. No passado, a morte era vivenciada sem grandes sofrimentos. No século XX, ela passa a ser vista como um tabu, em que o processo de morrer e morte é, ainda, pouco discutido, embora esteja cada vez mais próximo das pessoas, especialmente pelo avanço das telecomunicações⁽¹⁾.

Sabe-se que, em tempos remotos, a morte ocorria no domicílio. Contudo, atualmente, com os avanços tecnológicos no campo da saúde e mudanças culturais, a finitude da vida tem ocorrido principalmente no ambiente hospitalar.

Ressalta-se que, independente de onde ela ocorra, o processo de morrer e morte precisa transcorrer com dignidade. Neste cenário, os princípios dos cuidados paliativos prevêm que o paciente possa escolher o local que pretende morrer, preservando a sua autonomia. A Organização Mundial da Saúde publicou um informe sobre cuidado paliativo destinado às pessoas idosas. Este informativo aponta que os cuidados paliativos possibilitam a melhora da qualidade de vida dos pacientes e suas famílias, que enfrentam uma doença com risco de vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, mediante a identificação, avaliação e tratamento da dor e de outros problemas de natureza física, psicossocial e espiritual. Quando se trata da população idosa, as diretrizes dos cuidados paliativos têm como foco principal a realização

¹Texto original, produzido a partir do projeto de pesquisa: Prática educativa como um caminho para qualificar o cuidado a idosos hospitalizados.

*Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação Superior Norte RS – UFSM/Campus de Palmeira das ESNORS. RS/Brasil. Bolsista PET Enfermagem. E-mail: julianeelisboth@hotmail.com.

**Enfermeira. Doutora em Gerontologia Biomédica, Docente Adjunto II do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM/CESNORS. Tutora PET Enfermagem UFSM/CESNORS. E-mail: tambaraleite@yahoo.com.br

***Enfermeira. Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, Docente Assistente do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM/CESNORS. E-mail: leilahildebrandt@yahoo.com.br

****Enfermeira Especialista em Administração Hospitalar e Gerenciamento de Serviços de Enfermagem, Gerente do Serviço de Enfermagem do Hospital Vida & Saúde de Santa Rosa, docente da Sociedade Educacional Três de Maio; jacintasetrem@yahoo.com.br

*****Enfermeiro. Doutor em Enfermagem, Docente do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM/CESNORS. E-mail: luiz.anildo@yahoo.com.br

***** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem e do PPGEnf – Curso de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem. E-mail: margridbeuter@gmail.com

de ações dirigidas não somente para a melhora dos sintomas da doença, mas também a garantia da dignidade e da qualidade de vida da pessoa idosa que se encontra no final de sua vida⁽²⁾.

A partir dessa compreensão, entende-se que os cuidados paliativos têm como fim o preparo para a morte⁽³⁾. A morte integra o processo natural da vida, do ponto de vista biológico, e vem construída socialmente de simbolismo, valores e significados relacionados ao contexto histórico e cultural no qual o sujeito está inserido. Desse modo, a morte está presente no cotidiano e é destino certo de todos os seres vivos⁽⁴⁾. Mesmo caracterizando-se como um elemento da vida, a morte sempre despertou temor no ser humano e uma das formas de expressão desse sentimento se dá pela dificuldade em lidar com a finitude da vida⁽⁵⁾, uma vez que, frequentemente, há discussão do processo de morrer dos outros e jamais será acessível em sua real dimensão.

O processo de morrer pode ser vivenciado de distintas maneiras e, nesta lógica, o ambiente familiar é visto de modo positivo uma vez que oferta carinho, companhia e segurança ao paciente, constituindo-se em um espaço de cuidado diferenciado⁽⁶⁾. Em se tratando da morte nas diferentes faixas etárias, a de uma pessoa idosa comumente tem melhor aceitação pela sociedade, embora possa não ser por ela e seus familiares. Isso ocorre pela compreensão de que o idoso já cumpriu o seu percurso na esfera terrestre.

A relação entre o envelhecimento e a morte encontra-se no fato de ambos envolverem sentimentos variados, em que, por muitas vezes, o envelhecer é visto como uma caminhada para o fim da vida⁽⁷⁾. Salienta-se que, com a elevação da expectativa de vida da população, há um aumento na incidência de agravos a saúde de idosos, requerendo com mais frequência internações hospitalares. Assim, no âmbito hospitalar, a equipe de enfermagem necessita de conhecimentos e habilidades próprias para atender as demandas e especificidades desses pacientes, incluindo aquelas relativas ao processo de morrer e morte.

Contudo, mesmo que a morte seja inerente ao processo de viver, percebe-se que os profissionais da enfermagem estão pouco preparados para lidar com ela⁽⁸⁾. Essa situação

pode produzir reações diversas nos integrantes da equipe de enfermagem, que dão significado para esse momento a partir de suas crenças e valores. Destaca-se que a enfermagem, no caso de hospitalização, fica mais próxima do paciente e sua família, o que pode produzir sentimentos de impotência, frustração, culpa e irritação, os quais podem interferir na prestação do cuidado⁽⁹⁾. Por isso, ocorre a necessidade de expandir as discussões que envolvam aspectos relativos à morte, a fim de minimizar o sofrimento pessoal da equipe e qualificar a assistência⁽¹⁰⁾.

Neste âmbito, abordar as questões relativas à morte no cotidiano dos integrantes da equipe de enfermagem é relevante, uma vez que o processo de morrer e morte em pacientes idosos é condição presente no trabalho desses profissionais. Desta forma, este estudo tem como objeto a percepção da morte do idoso hospitalizado pela equipe de enfermagem, balizado pela questão: Como os profissionais de enfermagem vêem a morte de uma pessoa idosa hospitalizada? O objetivo consiste em analisar a percepção de profissionais de enfermagem acerca da morte de idosos hospitalizados.

METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa, seguiu-se abordagem qualitativa, de caráter descritivo, utilizando como referencial teórico-metodológico a pesquisa convergente-assistencial (PCA), a qual permite a participação ativa dos sujeitos do estudo e se caracteriza pela proximidade e afastamento diante do saber fazer assistencial. Três etapas constituem o desenvolvimento da PCA: entrevista, oficinas e nova entrevista após a realização das oficinas⁽¹¹⁾. A pesquisa foi realizada em uma instituição hospitalar de um município da região noroeste do Rio Grande do Sul, em uma unidade de internação de clínica médica, visto que os pacientes nela hospitalizados são, em sua maioria, idosos. Participaram da pesquisa 17 técnicos de enfermagem e três enfermeiros. A maioria do sexo feminino, casados, na faixa etária entre 24 e 46 anos.

Nesse estudo, constam os dados oriundos da entrevista semiestruturada realizada na primeira etapa de coletas dos dados. As entrevistas foram gravadas em audiotape digital e, após, transcritas

na íntegra, com o consentimento do entrevistado. Estas tiveram duração média de 60 minutos e foram realizadas de janeiro a março de 2012. O anonimato de cada entrevistado foi preservado, por meio do código “E” acrescido de um número, não necessariamente na sequência em que as entrevistas foram realizadas.

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise temática de conteúdo⁽¹²⁾, para a qual se realizou exaustivas leituras e releituras das informações obtidas. Os passos seguidos constituíram-se em: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os aspectos éticos foram atendidos e o projeto de pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética na Pesquisa da UFSM sob nº 0340.0.243.000-11.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das informações advindas dos dados produzidos permitiu elaborar uma categoria de análise que versa sobre a morte de idosos hospitalizados na ótica da equipe de enfermagem de uma instituição hospitalar do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Esta foi subdividida em quatro subcategorias.

A morte alivia sofrimento

Por meio das falas dos participantes da pesquisa, pode-se perceber que alguns compreendem a morte como um descanso, um alívio para a dor, em virtude do prognóstico do quadro clínico, apresentado pelo idoso, ser desfavorável em termos de melhora e de possibilidade de tratamento. Embora essa situação se apresente com tais características, há sentimentos ambivalentes, de perda e de alívio, por parte dos profissionais e da família.

Quando o paciente está em estado terminal é um descanso para ele (E07).

Eu acho que às vezes eles só estão ali esperando a morte, estão cansados de ficar ali, indo e vindo, eu acho que uns vão em paz. Se não tem mais nada para fazer, esperar [...], medicar, cuidar como dá, promover o conforto! (E02).

É uma perda. Depende do caso que ele se encontra, se tiver muito debilitado assim, daí é melhor, mas sempre tem um sentimento envolvido (E04).

Muitas vezes são pacientes que já não têm mais o que fazer, que a família já está consciente, muitas

vezes é até um descanso para ele e para a família (E09).

Isso a gente sente [...] somos acostumados a cuidar, interna sempre e seguido, e ter o óbito aqui é triste (E13).

Outra situação que emerge nas manifestações dos participantes do estudo, diz respeito à idade que se encontra a pessoa que está vivenciando o processo de morrer e aos cuidados prestados pela enfermagem. Eles apontam que, quando se trata da morte de um paciente idoso, esta parece ser mais bem aceita, desde que a equipe preste os cuidados necessários de acordo com suas demandas.

Eu acho que se foi uma morte digna, morreu por causa de idade, falência de órgãos, está tudo bem. Mas se morreu porque estava mal cuidado daí é complicado (E05).

O fragmento da fala acima mencionado permite inferir que a morte integra o desenvolvimento do ser humano e faz parte do seu ciclo vital. Contudo, diversos sentimentos e entendimentos podem emergir quando ela acontece. A hospitalização de uma pessoa idosa pode gerar sofrimento ao profissional de enfermagem quando associada com a finitude da vida ou questões sociais, como o abandono pela família. Em estudo sobre os sentimentos que emergem nos profissionais de enfermagem, relativos à morte, no decorrer da prestação do cuidado à pessoa idosa que se encontra internada, aponta que a situação de hospitalização do idoso pode causar sofrimento ao trabalhador. Isso se deve, com frequência, pelo fato de eles vivenciarem questões intrínsecas à profissão como o término da vida ou o abandono do idoso pela família⁽¹³⁾. Nessa direção, deve-se entender que o processo de morrer e a morte se constitui em parte da vida. Portanto, possibilitar uma morte digna, prestando cuidados de enfermagem com respeito, é proporcionar uma terminalidade com mínimo de sofrimento e de dor⁽¹⁴⁾.

A morte desafia o conhecimento

Em algumas situações, a morte pode gerar sensação de culpa e fracasso nos integrantes da equipe de enfermagem visto que eles são formados para salvar vidas. Para isso, necessita de mecanismos de enfrentamento, tanto internos como externos para lidar com a morte. Essa

condição tem reforço a partir do advento do capitalismo, quando a morte passou a ocorrer principalmente em instituições hospitalares⁽¹⁵⁾. O fragmento a seguir denota esse aspecto:

É brabo. A gente está acostumada a ver a morte. A gente sente, é uma perda, a gente tentou e não conseguiu, fica chateado quando acontece, principalmente quando é no turno da gente, um sentimento de não ter feito o necessário, mas na realidade a gente faz, mas fica aquela sensação (E15).

Mesmo que um dos entrevistados não tenha vivenciado a situação de morte, ver o paciente morrendo lhes desperta sensações desagradáveis de tristeza, de impotência e a considera uma incógnita. De todas as pessoas que necessitam conviver com o processo de morrer, os profissionais da área da saúde encontram-se mais expostos, pois a morte é figura presente dentro das instituições hospitalares. Um estudo realizado com estudantes de graduação em enfermagem evidenciou que o tema morte e morrer é pouco discutido no decorrer do curso de graduação, o que resulta em preparo insuficiente, para lidar com situações dessa natureza. Em consequência, os enfermeiros comumente apresentam dificuldades em dar suporte ao paciente que está morrendo e seu familiar, em função do estresse, ansiedade e insegurança⁽¹⁶⁾. Ainda nessa linha de pensamento, embora a morte seja inevitável na vida do ser humano, ela não é uma temática debatida com frequência, já que ela é representada pelo medo e não aceitação⁽¹⁷⁾.

Se é uma pessoa que sofre bastante a gente sofre junto. Aí às vezes a gente pede para o paciente poder ir. Eu na verdade nunca cheguei a ver uma pessoa morrer, eu só cheguei a ver gaspeando, sempre em turno diferente. Eu nunca peguei um óbito ainda, mas assim, sempre os pacientes idosos mal, morriam de tarde ou morriam de noite, nunca cheguei a morrer de manhã comigo (E06).

Eu muitas vezes eu saio de perto para não chorar, porque, já é um fim de linha, acabou, é triste, é a realidade (E12).

Ai, a morte é uma coisa, sei lá, não tem explicação. É o fim da vida. Não dá para pensar (E13).

As colocações dos entrevistados reforçam que a morte de um paciente produz sensação de

impotência, tristeza e compaixão na equipe de enfermagem, pela perda de uma vida humana, que estava sob seus cuidados. Essa condição pode estar relacionada com aspectos da subjetividade dos profissionais envolvidos⁽¹⁷⁾.

Os serviços de saúde, entre eles os hospitais, caracterizam-se por serem instituições comprometidas com a cura, tendo rotinas a cumprir e a morte é uma ameaça a essa função. Assim, os profissionais vêm-se revestidos de responsabilidades para cuidar de forma infalível, entendendo que a morte representa uma falha do serviço. Nesse sentido, no espaço hospitalar uma das situações que desencadeia ansiedade na equipe de enfermagem é ter que lidar com a morte, uma vez que esta emerge, com frequência, como um acontecimento doloroso e de difícil aceitação, situação amarga e cruel que produz, nos profissionais, reações conflituosas e impõe certos limites a quem luta sempre pela vida⁽¹⁷⁾.

O cotidiano auxilia a equipe na compreensão do processo de morrer e morte

O tempo de profissão pode se constituir em um elemento que auxilia na compreensão do processo de morrer e de como lidar com ele. Contudo, os profissionais podem criar mecanismos de enrijecimento dos sentimentos envolvidos, passando a lidar com a morte como um evento rotineiro em seu cotidiano. Nesse contexto, para alguns profissionais, com frequência, assistir a pessoa que está morrendo passa a ser mais uma atividade a ser realizada no cotidiano de seu trabalho.

Com o passar do tempo, tu fica assim, mais dura, não tem como explicar muito bem, tu não te sensibiliza tanto (E19).

No início eu ficava super abatida, agora eu já estou acostumada, porque cada idoso, não tem como tu não te apegar. Mas agora eu estou conseguindo aceitar mais do que eu aceitava no início. No início eu morria chorando (E03).

Pela fala dos sujeitos deste estudo, identificam-se alguns fatores pessoais que podem prejudicar o diálogo sobre a morte, assim que ela acontece. Todavia, há a necessidade de que os integrantes da equipe de enfermagem assumam a tarefa de apoiar também os familiares no momento que o paciente for a óbito.

É uma parte do teu processo de trabalho, que tu tem que passar. Dar uma orientação também de espiritualidade para o familiar, de acordo como o familiar vê a morte. Eu tenho o hábito de dizer 'ele descansou', porque ficar vegetando em cima de uma cama, não é vida nem para quem cuida nem para quem está ali (E11).

A equipe de enfermagem deve estar disponível e preparada no sentido de dar suporte à família da pessoa idosa que foi a óbito. Isto se justifica porque os familiares têm a expectativa de que a equipe possa lhe dar alguma explicação para o ocorrido, pois são os profissionais da enfermagem que, geralmente, se encontram mais próximos e por mais tempo, junto ao sujeito que morreu e de seus familiares. Além disso, esses trabalhadores necessitam compreender que, por vezes, os familiares lhes atribuem a culpa pela morte de seu ente querido para aliviar o seu sofrimento, podendo ser evidenciado no seguinte depoimento:

Eles querem ouvir de ti, querem o teu apoio, querem ouvir tu falar sobre a morte, porque eles querem que tu dê uma solução para o problema e, muitas vezes, se tu ficar quieta, não fazer nada, pode vir a revolta da parte deles. Isso acontece bastante deles culpar a equipe de enfermagem, porque é a equipe que está na frente deles e é a primeira, é a válvula de escape e a gente não pode culpar eles, porque são as primeiras pessoas que estão ali na frente deles. Ele vai apresentar e demonstrar a raiva dele, a revolta de alguma maneira. Aí vai caindo assim, nas pessoas que estão próximas a ele e, geralmente, é a equipe de enfermagem (E14).

É importante que a equipe de enfermagem tenha a compreensão de que os familiares ao vivenciarem o processo de morrer e a morte de um ente querido, apresentam desgaste emocional significativo. Para tanto, eles podem reagir expressando diversos sentimentos, dentre eles: raiva, não aceitação e impotência, para os quais, muitas vezes, requer a intervenção da enfermagem.

Outro aspecto destacado pelos entrevistados diz respeito à religiosidade. Os princípios religiosos permeiam o fazer da enfermagem, em especial, quando se trata do processo de morrer, influenciando no modo como os profissionais a aceitam, uma vez que a religião os conforta e auxilia a superar essa situação⁽¹⁸⁾.

Eu rezo mais [...], então, quando eu vejo que não tem mais o que fazer, eu digo: tem que rezar para ele ir para um lugar bem melhor que aqui e tal (E03).

As mortes mais marcantes são aquelas de pacientes que estabeleceram vínculos com a equipe de enfermagem, bem como a identificação com alguns familiares, motivo que leva os profissionais, por vezes, a se dedicarem a outros pacientes para superar a morte. Contudo, estar diante da morte diariamente contribui para que os trabalhadores façam uma reflexão sobre sua própria vida, buscando outros objetivos e prioridades para vivê-la com mais intensidade⁽¹⁰⁾.

Por outro lado, também, há a compreensão de que os trabalhadores de enfermagem devem limitar seu envolvimento com a pessoa que está morrendo e seus familiares. Esse entendimento é no sentido de minimizar o sofrimento que é desencadeado diante dessa situação, embora entendam que lidar com o processo de morrer é uma tarefa inerente ao trabalho da equipe de enfermagem, evidenciado na seguinte fala:

Muito triste. Porque muitas vezes a gente tem que ser forte, mas pensar também, que a gente está na profissão da gente, é uma profissão, é o teu trabalho. Então tem que tentar manter pelo menos, um mínimo de aparência, porque se tu vai chorar por cada um que morre, quando tu vê não vai ter psicológico suficiente para cuidar das outras pessoas (E11).

Os pesquisados entendem que construir mecanismos defensivos é importante para dar conta do cotidiano profissional, em que o processo de morrer e morte se faz presente. Isso não significa, necessariamente, que o cuidado requerido não seja realizado de modo a atender as demandas tanto do paciente quanto de sua família. Entretanto, destaca-se que, por vezes, essa forma de lidar pode produzir enrijecimento emocional que leva o profissional a desempenhar seu papel de forma quase que exclusivamente de modo tecnicista.

Observa-se que, rotineiramente, os profissionais de enfermagem valorizam mais os cuidados técnicos, em detrimento das dimensões psicossocioespirituais. Identifica-se, também, uma preocupação com o respeito à pessoa que se encontra em processo de morte e morrer e a seus familiares⁽¹⁴⁾.

A morte é um processo natural em idosos

Percebe-se que alguns profissionais vêm a morte de forma natural, inerente ao processo de envelhecimento, em que os participantes do estudo entendem que a pessoa idosa já vivenciou todas as etapas do ciclo vital. Consideram, assim, que a morte, nesses casos, constitui um evento natural, diverso da visão que possuem quando ocorre o óbito de uma criança, manifestado nas seguintes falas:

E é diferente quando se perde um idoso, que já completou todo o ciclo da vida dele, que nasceu, cresceu, gerou filhos, trabalhou e está ali na finitude com 97, 98 anos, e tu perder uma criança, então são reações totalmente diferentes (E14).

A morte, eu vejo como um processo natural, porque tem uns vovôs de 92 anos, que geralmente, que não tem mais prognóstico de vida, eu vejo como natural (E16).

A morte do idoso, a morte é um ciclo natural da vida (E17).

É mais tranquilo, eu vejo como mais tranquilo a morte de uma pessoa idosa (E20).

É natural (E01).

O envelhecer e o morrer fazem parte do processo do viver. Contudo, sentimentos e opiniões sobre as situações alteram-se entre as pessoas, visto que cada uma tem um modo de se posicionar e de se colocar no lugar do idoso que enfrenta o processo de morrer⁽⁷⁾. Mesmo que alguns profissionais tenham concordado de que a morte de um indivíduo idoso seja natural, deve-se considerar que, para a família, geralmente não o é.

Portanto, é necessário tomar cuidado para não banalizar o fim da vida de um idoso e nem o sofrimento de seus familiares, uma que há o envolvimento de múltiplos sentimentos e percepções, tanto nos profissionais de enfermagem, quanto do paciente e de sua família. Os integrantes da equipe de enfermagem observam nos pacientes idosos que estão vivenciando o processo de morrer sentimentos de solidão, medo, dor, raiva, revolta e alívio diante da possibilidade de morte. Essa condição se assemelha aos cinco estágios que um paciente pode vivenciar no decorrer da terminalidade de sua vida, a saber: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação⁽¹⁹⁾.

Já, em relação aos familiares, com frequência, os profissionais evidenciam presença de angústia, impotência e medo. Para tanto, destaca-se a importância do preparo da enfermagem para que possam lidar com as situações de morrer e morte junto às pessoas idosas que acessam os serviços de saúde, na perspectiva de desenvolver seu trabalho com menor nível de sofrimento e, conseqüentemente, ter ferramentas que possibilitem dar suporte ao idoso e sua família no momento da finitude da vida, qualificando, portanto, a assistência de enfermagem prestada.

A concepção de finitude dos seres humanos exige mudanças no paradigma do cuidado e a inserção da discussão sobre a morte no processo de formação. Assim, é necessário que a equipe de enfermagem compreenda a morte e o morrer como parte integrante do ciclo vital e discuta essa temática na formação acadêmica e na prática cotidiana, considerando o cuidado como inerente à práxis da enfermagem⁽¹⁴⁾.

Destaca-se que, para além dos sentimentos de perda, frustração, impotência, tristeza, entre outros, também é apontado por um dos entrevistados à identificação de situações empáticas, que favorecem para qualificar a assistência prestada ao paciente moribundo e seus familiares.

Vejo como bastante difícil, porque você também tem que pensar que você teve familiares idosos, ou que partiram, ou que passaram também pelo processo da doença e que não foi fácil, tu ter a empatia de se colocar no lugar do outro (E11).

Embora a morte seja entendida como um processo natural, a empatia do enfermeiro se constitui em um apoio terapêutico importante e significativo. Entretanto, pode provocar tensão, fadiga e irritabilidade por haver identificação com a condição vivenciada. Nesse cenário e de acordo com o modo do profissional lidar com a situação, pode haver interferência no seu desempenho laboral⁽²⁰⁾.

Reforça-se que o debate acerca de temas referentes à morte e ao morrer caracteriza-se como importante instrumento de qualificação para o cuidado de enfermagem, tanto para a pessoa idosa como para sua família. Salienta-se que, ainda, há lacunas na produção científica abordando esse assunto, o que reforça a

necessidade de desenvolver estudos dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a percepção de profissionais de enfermagem em relação à morte de pacientes idosos que se encontram hospitalizados, os resultados sinalizam que a morte pode ser vista como alívio do sofrimento para o idoso no momento em que ele não possui mais condições de manutenção da vida. Mesmo assim, pode haver sentimentos de perda, culpa e fracasso na equipe de enfermagem, já que comumente a academia forma o profissional com suporte teórico e prático para preservar vidas e as questões relativas ao morrer e a morte são pouco abordadas. Nesse contexto, salienta-se que o cuidado de enfermagem está comprometido com a vida, mas não dissociado da morte.

Destaca-se que, diante de uma situação de morte, a maioria dos trabalhadores participantes do estudo relatou a presença de sofrimento. Isto porque, com frequência, há formação de vínculo e envolvimento emocional entre o paciente, a família e a equipe. Para isso, muitas vezes, se

utilizam de mecanismos de defesas para minimizar seu sofrimento.

Outro dado que emergiu diz respeito ao fato de que quando ocorre a morte de uma pessoa idosa, que tenha recebido a atenção e cuidados necessários, os profissionais a vêem como um fechamento de um ciclo vital, entendendo que este indivíduo já cumpriu com sua temporalidade na esfera terrestre.

Os entrevistados manifestam que é significativo assistir também a família no processo de morrer e morte de um idoso. Isso implica em se dispor a escutar, apoiar e orientar a família sobre o ocorrido. Além disso, lançam mão da empatia e da religiosidade como ferramentas de cuidado para ofertar conforto e melhor aceitação da finitude da vida.

Assim, ressalva-se a necessidade de a equipe de enfermagem possuir conhecimentos e habilidades específicas para cuidar de idosos hospitalizados e lidar com o processo de morrer e a morte destes. Desse modo, é relevante discutir tais aspectos com os integrantes da equipe de enfermagem, no intuito de facilitar e qualificar a assistência a esses pacientes e seus familiares.

THE DYING AND DEATH OF ELDERLY HOSPITALIZED IN PERSPECTIVE OF NURSING PROFESSIONALS

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perception of nursing professionals about the death of elderly hospitalized. It is characterized as a qualitative, descriptive study, using the theoretical framework of research convergent assistance, held in a medical clinic unit. To obtain the data, it was used an interview and thematic workshops. The subjects were 20 professionals from nursing staff. The ethical precepts were respected and the information analyzed in the light of the thematic analysis of content. As a result, there was the construction of a theme addressing the death of elderly hospitalized in perspective of nursing staff. The data indicate that the death in elderly generates suffering, for his family and nursing staff, causes frustration, guilt, sadness and loss. But death can be in relief when there are not more therapeutic resources to be implemented, in addition to comfort and support. Thus, it is highlighted the importance of nursing staff possessing knowledge and specific skills to deal with this population and their families, in particular, in the finiteness of life.

Keywords: Nursing Staff; Elderly; Hospitals; Palliative care in the completion of life.

EL MORRER Y LA MUERTE DE ANCIANOS HOSPITALIZADOS EN LA ÓPTICA DE PROFESIONALES DE ENFERMERÍA

RESUMEN

Este estudio tuvo por objetivo analizar la percepción de profesionales de enfermería acerca de la muerte de ancianos hospitalizados. Se caracteriza como un estudio cualitativo, descriptivo, que utiliza el referencial teórico de la investigación convergente asistencial, realizado en una unidad de clínica médica. Para obtener los datos, se utilizó entrevista y talleres temáticos. Los sujetos eran 20 profesionales del equipo de enfermería. Los preceptos éticos fueron respetados y las informaciones analizadas a la luz del análisis temático de contenido. Como resultado, hubo la construcción de un tema abordando la muerte de ancianos hospitalizados en la óptica del equipo de enfermería. Los datos señalan que la muerte en ancianos genera sufrimiento, para su familia y equipo de enfermería, provoca sentimientos de frustración, culpa, tristeza y pérdida. También, la muerte puede constituirse en alivio cuando no hay más recursos terapéuticos a ser implementados, además de confort y apoyo.

De este modo, se destaca la importancia del equipo de enfermería poseer conocimientos y habilidades específicas para lidiar con esta población y sus familiares, en especial, frente a la finitud de la vida.

Palabras clave: Equipo de enfermería. Anciano. Hospitales. Cuidados paliativos al final de la vida.

REFERÊNCIAS

1. Ariés P. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.
2. World Health Organization. Palliative Care for older people: better practices. [on-line]. Copenhagen; 2011. [citado 2013 Jul 4]. Disponível em: http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0017/143153/e95052.pdf
3. Rodrigues IG, Zago MMF. A morte e o morrer: maior desafio de uma equipe de cuidados paliativos. *Cienc cuid saude* 2012; 11(suplem.):031-038.
4. Covolan NT, Corrêa CL, Hoffmann-Horochovski MT, Murata MPF. Quando o vazio se instala no ser: reflexões sobre o adoecer, o morrer e a morte. *Rev bioét* 2010; 18(3):561-71.
5. Ribeiro EE. Tanatologia: vida e finitude. Rio de Janeiro: Ed da UERJ; 2008.
6. Fratezi FR, Gutierrez BAO. Cuidador familiar do idoso em cuidados paliativos: o processo de morrer no domicílio. *Ciênc. saúde colet*. 2011; 16(7):3241-3248.
7. Zinn GR, Gutierrez BAO. Processo de envelhecimento e sua relação com a morte: percepção do idoso hospitalizado em unidade de cuidados semi-intensivos. *Estud interdiscipl envelhec*. 2008; 13(1):79-93.
8. Mota MS, Gomes GC, Coelho MF, Lunardi Filho WD, Sousa LD. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. *Rev gaúcha enferm*. 2011; 32(1):129-35.
9. Kovács M J. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
10. Benincá CR, Fernandez M, Grumann C. Cuidado e morte do idoso no hospital – vivência da equipe de enfermagem. *Rev Bras Cien Env Hum*. 2005; 2(1):17-29.
11. Bonetti A, Silva DGV, Trentini M. O método da pesquisa convergente assistencial em um estudo com pessoas com doença arterial coronariana. *Esc Anna Nery*. 2013; 17(1):179-83.
12. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
1. Tavares JP, Beck CLC, Silva RM, Beuter M, Prestes FC, Rocha L. Prazer e sofrimento de trabalhadoras de enfermagem que cuidam de idosos hospitalizados. *Esc Anna Nery*. 2010; 14(2):253-59.
13. Silva RS, Campos AER, Pereira A. Cuidando do paciente no processo de morte na unidade de terapia intensiva. *Rev esc enferm USP* 2011; 45(3):738-44
14. Oliveira WIA, Amorim RC. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Rev gaúcha enferm*. 2008; 29(2):191-8.
15. Takahashi CB, Contrin LM, Beccaria LM, Goudinho MV, Pereira RAM. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. *Arq Ciênc Saúde*. 2008; 15(3):132-8
16. Sousa DM, Soares EO, Costa KMS, Pacifico ALC, Parente ACM. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. *Texto & contexto enferm* 2009; 18(1):41-7.
17. Gutierrez BAO, Ciampone MHT. O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem em UTIs. *Rev esc enferm USP*. 2007; 41(4):660-7.
18. Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes; 1985.
19. Sulzbacher M, Reck AV, Stumm EMF, Hildebrandt LM. O enfermeiro em unidade de tratamento intensivo vivenciando e enfrentando situações de morte e morrer. *Scientia Medica*. 2009; 19(1):11-16.

Endereço para correspondência: Marinês Tambara Leite. Rua Floriano Peixoto, 776, CEP: 98700-000. Centro. Ijuí-RS/Brasil

Data de recebimento: 20/08/2012

Data de aprovação: 13/08/2013